

## SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO MUNDO DO TRABALHO PELAS CRIANÇAS: A ESCOLA COMO PARTE DESSE PROCESSO

*MEANINGS ASSIGNED TO WORK BY CHILDREN: THE SCHOOL AS PART OF THIS PROCESS*

*Amanda Antunes MIRANDA<sup>1</sup>  
Raquel Nascimento COELHO<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Diversos estudos demonstram a importância de articular crianças com o fenômeno do trabalho, visto que elas já possuiriam conhecimentos e opiniões sobre, a partir das suas experiências sociais e das influências produzidas pelas instituições socializadoras. Esse estudo objetivou investigar os sentidos atribuídos por crianças ao trabalho, analisando as repercussões do meio nesse processo, especialmente as de uma escola privada da cidade de Fortaleza – CE. Partiu-se da Análise de Conteúdo de Bardin para analisar os discursos explicativos das crianças sobre seus desenhos e sobre as entrevistas semiestruturadas, demonstrando que o fenômeno do trabalho foi denotado como fundamental para o homem obter sustento e reconhecimento social e consumir. A escola foi apontada como meio de aumentar as possibilidades futuras para esse grupo de crianças, demonstrando que o bom trabalho seria aquele que se construiria através do estudo. Evidenciou-se também a necessidade de ampliar o público-alvo da pesquisa, com o fito de discutir, a partir de lugares socialmente diferentes, aspectos da divisão social do trabalho, que produzem novos modos de significação desse fenômeno, assim como de construir estratégias de intervenção que possam contribuir para que esse processo de construção promova espaços de cidadania e de participação social e política.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Sentidos. Escola.

**ABSTRACT:** Several studies demonstrate the importance of articulating children with the phenomenon of work, whereas they already had knowledge and opinions, by starting from their social experiences and the influences produced by socializing institutions. This study aimed to investigate the attributed meanings of work by children, from a private school in the city of Fortaleza – CE, by analyzing the repercussions on the process. Based on Bardin's Content Analysis to analyze children's explanatory speeches about their drawings and semi-structured interviews, by demonstrating that the phenomenon of working was denoted as essential for a human to consume and to obtain sustenance and social recognition. The school was pointed out as a way of increasing the future possibilities for this group of children, by showing that the "great" work is the one what would be built through the study. The necessary to expand the interview's target audience is evidenced in order to discuss, from socially different places, the aspects of labor social division which produces new signification modes of this phenomenon, as well as to construct strategies of intervention which may contribute with the construction process promotes spaces of citizenship and social and political participation.

**KEYWORDS:** Work. Meanings. School.

<sup>1</sup> Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (2016) e Mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (2017). Endereço eletrônico: amanda.antunes12@hotmail.com.

<sup>2</sup> Psicóloga e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2008) e doutora em Psicologia Social pela Universidad Complutense de Madrid (2013). Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Endereço eletrônico: raquelcoelho@ufc.br.

## INTRODUÇÃO

Diversos estudos, como os de Antunes (1995; 2006; 2008; 2009), de Antunes e Alves (2004), de Aquino (2007) e de Aquino, Silva, Oliveira e Martins (2013), demonstram que o trabalho ainda assume um lugar central na organização social, apesar da conjectura contemporânea que questiona essa centralidade, contrapondo-a aos ideais de consumo e relativizando a importância dessa categoria. Antunes (2006), por exemplo, está entre os que apontam ser o trabalho uma fonte de organização da vida em sociedade, que pode ser entendido com base na construção dialética entre sujeito e sociedade, assumindo, então, uma perspectiva psicossocial. Sendo assim, haveria de entender que o trabalho é um fenômeno em constante transformação, bem como os sentidos a ele atribuídos.

Há diversas formas de apreender os sentidos do trabalho em contextos específicos e, dentre essa diversidade de perspectivas, Natividade (2007) e Pasqualini, Garbulho e Schut (2004) apresentam as crianças como uma dessas possibilidades de se compreender o trabalho. Estes autores apontam a relevância de articular crianças com este fenômeno, visto que estas já possuiriam conhecimentos e opiniões e atribuiriam sentidos a ele, a partir das suas experiências sociais com adultos e com outras crianças, por exemplo, e das influências produzidas pelas instituições socializadoras, como família e escola. Nesse sentido, ouvi-las seria uma das possibilidades de acessar os discursos (re)produzidos sobre o trabalho na contemporaneidade, quanto à sua socialização, às suas expectativas e ao preparo de futuros trabalhadores, depreendendo, assim, a própria realidade social.

Com base nisso, o interesse de estudar os sentidos atribuídos ao mundo do trabalho por crianças surgiu a partir de experiências da autora no âmbito escolar, que foram mote para as seguintes indagações: é possível estabelecer relações entre trabalho e crianças? Quais as influências do meio nesse processo de construção de sentidos? Como a escola pode influenciar nessa compreensão sobre trabalho? As influências estão mais voltadas ao trabalho como atividade produtiva entendida sob a ótica capitalista ou promovem a compreensão de trabalho facilitador da cidadania e da emancipação humana?

Partindo de um viés Histórico-Cultural de compreensão do sujeito, que tem como norte a ideia de que o homem está em constante diálogo com a realidade psicossocial em que vive, sendo produto(r) desta (PINO, 2000; VIGOTSKI, 2001; 2007; VYGOTSKI; LURIA, 2007; VYGOTSKY, 1995; ZANELLA, 2004), entende-se, à luz dos estudos de Natividade (2007) e em Natividade e Coutinho (2012), que as crianças, a partir das suas relações sociais, também participariam da contínua transformação de si mesmas e de seu meio, (re)produzindo opiniões, valores e costumes sobre os mais diversos assuntos. Sendo assim, elas não estão desassociadas da realidade social, mas em constante processo de (re)construção. São capazes, por-

tanto, assim como os adultos, não só de compartilhar significados coletivos, mas de transformá-los dando sentidos próprios: “não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 152).

Nessa ótica, a tese da dinamicidade dos significados introduziu os estudos sobre a concepção das particularidades da linguagem, entendendo-a não somente como algo externo ao homem, produzido pela comunidade social, mas também particular a ele (VIGOTSKI, 2001; 2007; VYGOTSKI; LURIA, 2007; VYGOTSKY, 1995). Seria assim que os sentidos se destacariam sobre os significados, dando espaço para a emergência dos processos de singularização, a partir da interação histórica e cultural. Os sentidos, então, apresentam-se como a forma singularizada do homem perceber a si mesmo e ao seu meio, mas não deixam de ser socialmente constituídos. E, segundo Tolfo *et al.* (2005), é complexo o estudo dos processos de significação laboral, haja vista as diversas abordagens existentes. Para essa investigação, pauta-se na concepção de que significados e sentidos são distintos, porém, só é possível compreendê-los articulados um ao outro. Isto é, um é contexto para que o outro exista, em um constante processo de relacionamento dialético (BOCK, 2001).

À vista disso, esse estudo busca investigar os discursos referentes aos sentidos atribuídos ao fenômeno do trabalho por crianças, articulando, especialmente, aos discursos e às práticas de uma escola da rede de ensino privado da cidade de Fortaleza – CE. Ademais, busca-se não só compreender as transformações da sociedade, principalmente aquelas vinculadas aos aspectos laborais, e revelar fenômenos sociais, valores e costumes envolvidos na construção do processo de inserção laboral desses sujeitos, mas também avaliar como o meio, especificamente essa instituição social, contribui para a construção desses sentidos, a partir de seus discursos e de suas práticas disseminados cotidianamente.

Desse modo, os resultados obtidos e as reflexões fomentadas representam apenas uma das possibilidades de se apreender os fenômenos sociais e não pretende, de algum modo, cristalizar-se em uma visão, pois as formas de compreender um fenômeno são diversas.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do objetivo principal dessa pesquisa, - analisar os sentidos atribuídos ao trabalho pelas crianças - pretendeu-se identificar possíveis fatores que influenciariam na atribuição de sentidos a tal fenômeno. De modo mais específico, com o fito de avaliar como a instituição escolar poderia contribuir para essa construção, optou-

-se por adotar uma epistemologia metodológica de perspectiva qualitativa para coleta e tratamento dos dados, a fim de compreender e de decodificar os componentes de um complexo contexto de significados, isto é, traduzir e expressar os seus sentidos (MINAYO, 1994; NEVES, 1996).

A escolha do campo de investigação deu-se com base em experiências anteriores da pesquisadora em escolas de iniciativa privada, assim como fundamentada em referências teóricas que abordam a construção do ensino privado no Brasil, diferenciando-o do ensino público (NASSER, 2011). Sendo assim, foram contactadas onze escolas particulares da cidade de Fortaleza – CE, nas quais nove não deram *feedback* sobre a proposta de estudo, uma recusou a pesquisa no primeiro contato e uma aceitou após reunião avaliativa com a equipe pedagógica. Ressalta-se que o critério de escolha dessas escolas baseou-se não só no pré-conhecimento da pesquisadora sobre o perfil dessas instituições, mas também no objetivo de investigar perfis parecidos, como: ser de cunho privado, ter os mesmos níveis de ensino, ser de grande porte e atender, em sua maioria, alunos de mesma classe social. E, apesar das aproximações de perfis, entende-se que não há homogeneidade entre elas, o que significa dizer que o papel dessa instituição para a construção dos sentidos sobre trabalho pelas crianças sempre variará. Além disso, destaca-se que este estudo foca a criança da classe média, que frequenta determinado tipo de instituição escolar, que é oriunda de famílias que apresentam determinado referencial de trabalho e que é, fundamentalmente, intelectual e de *status* social qualificado. Isto não representa, contudo, a maioria das crianças brasileiras.

Sendo assim, a escola participante trata-se de uma instituição não confessional, mas que estrutura programas de ensino voltados para a educação cristã, sem focar em uma religião específica. Abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio e tem como um dos seus principais objetivos, expresso no seu Projeto Político Pedagógico (PPP), formar sujeitos aptos para o exercício da cidadania. Essas características são importantes para se explicitar que tipo de crianças foram ouvidas.

A seleção das sete crianças foi feita pelo Setor de Orientação Educacional (SOE) do Ensino Fundamental II, considerando, a priori, este número de participantes como razoável para fins de possibilidade de tratamento dos dados pela pesquisadora, bem como de saturação dos conteúdos das entrevistas. A prevalência foi do sexo feminino, com quatro participantes. Ressalta-se, contudo, que além de se levar em consideração a questão do interesse e da disponibilidade das crianças e da autorização dos pais/responsáveis, a escola visou a selecionar aquelas que apresentavam maiores rendimento acadêmico e participação em sala de aula. Objetivou-se pesquisar crianças entre 11 e 12 anos de idade, pois, neste período do desenvolvimento, as crianças têm maior probabilidade de conseguir representar de maneira mais elaborada a sua interação com os objetos do conhecimento, ampliando, assim, significativamente a capacidade do conhecer do homem (BEE; BOYD, 2011).

Em um primeiro momento, utilizou-se para a coleta de dados a técnica de desenhos, inspirada e adaptada nas ideias de Cordeiro, Menezes e Castro (2002), Natividade (2007) e Pérez *et al.* (2008), com o fito de complementar as entrevistas semiestruturadas, realizadas no segundo momento da pesquisa. Entende-se, então, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, que o desenho é uma forma de linguagem que constitui e expressa a imaginação criadora do homem (NATIVIDADE, 2007; NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Desse modo, sob esse viés, priorizou-se não o produto final, mas a significação que a criança atribuiu às seguintes orientações do desenho: o entendimento sobre trabalho, a partir da pergunta: o que entendo sobre trabalho?; os aspectos positivos e os negativos do mesmo, a partir da pergunta: qual trabalho gostaria de ter? Qual trabalho não gostaria de ter? Permitiu-se, assim, utilizá-lo como disparador para que o tema fosse introduzido e para que fosse dado seguimento às entrevistas. Ou seja, eles contribuíram para a exploração discursiva das entrevistas, à medida que eram comentados. Portanto, a análise a ser apresentada diz respeito aos discursos explicativos das crianças sobre os seus desenhos, bem como às entrevistas semiestruturadas realizadas.

A partir disso, nos dois encontros seguintes, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas na própria instituição de ensino das crianças, em uma sala disponibilizada para a sua aplicação. Estas buscaram explicitar os conceitos, as opiniões e os valores condizentes ao fenômeno do trabalho, entendendo não só essa construção de sentidos como algo produzido pelas influências do meio, mas como algo em constante transformação por cada um. Além disso, de modo específico, objetivou-se avaliar como a escola, desde já, insere essas crianças no âmbito laboral.

As respostas obtidas foram gravadas com a autorização dos pais/responsáveis e das crianças, garantindo sigilo e confidencialidade<sup>3</sup> e, posteriormente, transcritas e submetidas à análise de conteúdo.

Enquanto método de organização e análise de dados, tal proposta tem como foco a qualificação das vivências do sujeito, assim como as suas percepções sobre objetos e fenômenos (BARDIN, 1977). Ou seja, refere-se a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise para categorizar determinado fenômeno. A partir daí, torna-se possível reconstruir os significados apresentados a uma compreensão mais profunda da realidade social (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005).

Para a realização desse tipo de análise, foi necessário realizar leitura flutuante dos dados da pesquisa, a fim de definir o seu recorte em unidades e estruturá-los para, assim, sistematizá-los e codificá-los. A partir disso, estabeleceram-se as regras de

---

<sup>3</sup> As respostas obtidas e gravadas garantem sigilo e confidencialidade, conforme assegura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento. O parecer de aprovação dessa pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ pode ser encontrado através do número 1.588.800.

categorização, que, nesse estudo, foram as do tipo semântica. Este é o mais utilizado no campo psicológico, visto que se embasa na análise temática por meio de regras categoriais. Isto é, nesse procedimento, são enfocados os significados e os sentidos do texto, bem como as intencionalidades dos produtores do discurso. Logo, o processo de interpretação dos dados necessita de uma leitura crítica fundamentada e os resultados obtidos são provisórios e aproximados (BARDIN, 1977).

Propôs-se, então, a desvelar as relações estabelecidas para além das falas propriamente ditas dos participantes. Isso estabelece que o pesquisador tem de assumir uma postura de leitura dos dados que transcende o literal, voltando-se para a descrição dos conteúdos dos sujeitos, o que significa dizer que o papel do analista de conteúdo é trabalhar de forma contextual, considerando as relações de influências possíveis entre as informações recebidas e o seu contexto de produção (BARDIN, 1977). Essa perspectiva vai ao encontro do que defendem Neves (1996) e Minayo (1994), haja vista que também entendem a produção do conhecimento como algo dinâmico, histórico, ideológico e aproximado. Logo, os resultados obtidos são se findam nesse estudo e nem representam a realidade tal como ela é. Ou seja, o desenvolvimento da ciência como construção social é algo que pode vir a ser desconstruído, interrogado e questionado.

Diante disso, o presente estudo optou por evidenciar tal recorte de fundamentação metodológica, posto que tem como objetivo analisar a construção de sentidos atribuídos ao mundo do trabalho por crianças em idade escolar, levando-se em consideração suas (re)produções sociais e entendendo que os resultados obtidos são provisórios e uma tentativa de aproximação da realidade material.

## **COMPREENDENDO OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO MUNDO DO TRABALHO PELAS CRIANÇAS**

Conforme exposto, foram entrevistadas sete crianças, que serão referidas durante a análise de conteúdo pelos seguintes nomes fictícios, a fim de garantir o sigilo e a confidencialidade das informações: Thais (sexo feminino, 11 anos), Gabriel (sexo masculino, 12 anos), Cecília (sexo feminino, 11 anos), Francisco (sexo masculino, 11 anos), Gustavo (sexo masculino, 12 anos), Estela (sexo feminino, 11 anos) e Isadora (sexo feminino, 12 anos). As informações fornecidas pelas crianças foram obtidas na própria instituição de ensino da criança, em Fortaleza, em agosto de 2016.

Os dados obtidos foram agrupados em três grandes categorias, com o fito de sistematizar a apresentação dos dados. Contudo, destaca-se que essa sistematização foi apenas para fins didáticos, posto que as categorias se relacionam entre si, influenciando e sendo influenciadas umas pelas outras: a) Concepções sobre o trabalho: explicitar as formas pelas quais as crianças referenciaram o fenômeno do trabalho;

b) Sentimentos associados ao trabalho: apresentar os conteúdos que se referem aos aspectos mais pessoais do trabalho, demonstrando aquilo que condiz, de modo especial, ao próprio sujeito, sem excluir, todavia, a sua relação com o meio; c) Locais de aprendizagem sobre trabalho: explicitar as influências do meio, denotando aspectos discursivos e práticos, bem como estratégias de preparo para a inserção laboral.

## CONCEPÇÕES SOBRE TRABALHO

Todas as crianças iniciaram as suas falas ressaltando a importância do trabalho para o homem, especialmente no que condiz com a sua possibilidade de melhorar de vida. Essa ideia foi relacionada, na maioria das vezes, com o trabalho como uma fonte de renda, a partir de uma relação de troca. Notou-se que os discursos sobre trabalho pelas crianças foram expressos pela relação de troca, na qual o homem realiza determinada atividade e recebe algo por isso. E essa troca, então, serviria não só para o suprimento das necessidades básicas, mas também para as necessidades de consumo. As falas das crianças vão ao encontro do que apontam Bendassolli e Gondim (2014), Coelho (2008; 2013) e Costa e Bendassolli (2009) sobre o entendimento do trabalho como meio de sobrevivência e como organizador temporal, sendo fator fundante da subjetividade humana e da realização pessoal. Todavia, esta realização na contemporaneidade, como apresenta Cappelini (2015), está ligada, muitas vezes, à lógica capitalista, sendo atrelada à ideia de ascensão social, o que significa que o trabalho representaria um dos meios do homem de adquirir bens materiais, isto é, de consumir.

Apesar de muito ter sido ressaltado sobre o trabalho como forma de se adquirir bens materiais e melhores condições de vida, não só assim este foi concebido. A fala de Cecília, por exemplo, retrata o trabalho como fator de reconhecimento social e de dignificação humana: “o trabalho é tipo como se fosse uma coisa que constrói a sua dignidade diante das pessoas da sociedade.. Eu escolhi desenhar um professor, porque eu acho que ele ajuda as pessoas a serem um bom cidadão” (CECILIA).

Essas pontuações retornam ao que Coelho (2013), em sua revisão bibliográfica sobre o assunto, descreveu sobre as funções psicossociais do trabalho, que não se resumem ao sentido instrumental, isto é, à possibilidade humana de ter um meio de sobrevivência, mas que consiste na sensação de contribuir ativamente para a sociedade, fazendo com que o homem se sinta cidadão e construa uma ideia positiva de si mesmo.

Contudo, segundo Gabriel, aquele que não trabalha pode ser considerado “*vagabundo*” pela sociedade, não tendo, então, como se sentir digno. Essa declaração dá margem para se pensar sobre o sentimento de utilidade social que vem sendo intensificado na atualidade, que ultrapassa a ideia de contribuição social, de cidadania.

nia e de realização pessoal. Conforme Antunes (2006), estar-se-ia servindo à lógica capitalista, que transmite e reforça a ideologia de que útil socialmente é aquele que precisa vender a sua força de trabalho para se tornar trabalhador, revelando, assim, o modo de produção de mercadorias pelo valor-de-troca. O trabalho, então, deixa de produzir somente o seu valor-de-uso, a partir do intercâmbio metabólico entre homem e natureza, para assumir a condição para a produção de coisas socialmente úteis e necessárias (MARX, 1983).

Nesse sentido, as crianças também destacaram as atividades que consideram ou não formas de trabalho. Segundo elas, atividades expressas em profissões, como fisioterapeuta, político, professor, cantor, jogador de futebol e médico podem ser formas de trabalho. Por sua vez, pessoas aposentadas, que realizavam outras atividades apenas pela vontade e pelo desejo, como confeccionar artesanato e cuidar da casa, não foram consideradas trabalhadores.

Além disso, a ideia do esforço e da dedicação expressa por todas as crianças como um meio de conquistar o trabalho que almejam é mote para as discussões sobre as novas morfologias do trabalho na contemporaneidade e as suas repercussões subjetivas, conforme as denotações de Antunes (1995; 2006; 2008; 2009), Antunes e Alves (2004), Aquino (2007) e Siqueira, Alencar e Aquino (2012). Sob essa ótica, surgem novos processos de gestão do trabalho que exigem novas posturas do trabalhador, como flexibilidade, dinamicidade, especialidade e autoiniciativa, fazendo com que este, a todo o instante busque se autocapacitar para estar atuante no mercado de trabalho.

Outro ponto notável é o que Gabriel declara sobre os moradores de rua, segundo ele, frutos da não procura por emprego: “as pessoas que vivem na rua não trabalham porque não procuram trabalho. Ficam paradas, sem procurar nenhum trabalho” (GABRIEL). A sua fala remete-se a essa lógica contemporânea, onde o trabalhador é aquele que deve se dedicar, se esforçar e buscar formas de estar inserido no mercado de trabalho. É aquele que se capacita constantemente, assumindo uma postura de multi-habilidades para manter-se em um contexto competitivo, flexível e fragmentado. Nessa ótica, como apontam Xavier, Aquino e Miranda (2010), pontualiza-se no trabalhador, isto é, no sujeito, toda a responsabilidade de manter-se competente, interessado e atuante dentro de uma dinâmica mercadológica, a qual não se caracteriza somente por um modelo de produção, mas como um modo de viver em sociedade.

Ademais, as falas evidenciam que o trabalho considerado válido socialmente é aquele que se constrói através do estudo, o que significa que, por estarem na escola, as crianças já estariam se preparando para alcançar esse “bom trabalho” ou o “trabalho de verdade”. Por exemplo, suas falas demonstram que suas trajetórias já começariam a ser construídas com destino às universidades. Apesar de declararem ser um bom

trabalho aquele que traz felicidade, a maior parte dos discursos apresentados volta-se para o financeiro, para a ascensão social e para a aquisição de bens-materiais.

Apesar dessa categoria estar mais voltada às concepções e às ideias que as crianças têm sobre o fenômeno do trabalho, incluindo em seus discursos, preferencialmente, o outro, como familiares, sabe-se que essas narrativas não excluem as particularidades de opiniões de cada uma.

## SENTIMENTOS ASSOCIADOS AO TRABALHO

As crianças retrataram nos discursos sobre seus desenhos, bem como nas respostas das entrevistas, novamente, o sentimento de utilidade social que o trabalho proporciona. A fala de Estela, por exemplo, sinaliza que o fato de gostar de ajudar as pessoas, legitima o seu desejo de ser juíza, mostrando-se, então, como um bom caminho a ser seguido por ela: “queria ser juíza, porque sempre admirei essa profissão e eu gosto muito de ajudar as pessoas e eu acho que isso é um bom caminho pra mim” (ESTELA).

Além disso, é expresso o ideal de se conquistar uma forma de trabalho que englobe não só ser útil socialmente, mas que proporcione bem-estar. Essa correlação também foi feita por Gabriel e por Francisco, que apontaram querer ser jogadores de futebol, por ser uma atividade que envolve diversão e cuidado com o corpo, apesar do esforço, das obrigações e do cansaço para exercê-la. Tem-se, assim, evidências sobre aquilo que Gonçalves e Coimbra (2002), por Natividade (2007) e por Silva e Garcia (2001) retratam sobre o significado do trabalho atrelado, muitas vezes, a sofrimento, a castigo e à depreciação humana. O dito esforço e cansaço estariam associados, então, ao valor negativo do trabalho, como aquilo que gera desprazer, dor ou incômodo. Todavia, ao seguirem essa profissão, segundo eles, poderiam usufruir de um trabalho que também viabilizaria prazer e alegria, por exemplo, denotando, assim, alguns dos valores positivos do trabalho valorizados socialmente.

As crianças também foram indagadas sobre quais trabalhos não gostariam de ter, a fim de avaliar os aspectos que, desde já, consideram ruins ou desagradáveis, por exemplo, para exercerem uma atividade laboral. Atividades que apresentam maior risco à integridade física, como policial, ou que implicam estarem, na maior parte do tempo, em escritórios, como arquiteto e contador, ou, até mesmo, que exigem maior grau de paciência para manejar situações, como professor, segundo as crianças, não são almejadas. Percebe-se, então, que, desde cedo, elas já começam a se observar, no sentido de pensar sobre o que gostam ou não de fazer na atualidade e, por conseguinte, sobre o que gostariam ou não de realizar em uma atividade laboral futura.

Além de notar que as aspirações das crianças, na maior parte das vezes, estão associadas às profissões que exigem estudos universitários, como médico e advogado,

ou que oferecem alta remuneração, como jogador de futebol, percebe-se que as falas transparecem a conscientização de que algumas atividades são mais precarizadas que outras, como Gustavo exemplifica a profissão do lixeiro: “não queria ser lixeiro, porque eu acho que é muito cansativo, tem cheiro ruim. Um bom trabalho tem um bom ambiente” (GUSTAVO). Isadora comenta também sobre a empregada doméstica: “Eu tenho uma funcionária lá em casa e ela disse que dá muito trabalho pra fazer as coisas, principalmente quando a casa é grande. Às vezes também dá problema de saúde, como gripe e dores na coluna” (ISADORA).

Notou-se também que os discursos das crianças já transparecem o ideal disseminado na atualidade de que é possível o homem sempre alcançar mais e melhores condições de trabalho e, por conseguinte, melhores condições de vida. Tem-se, então, a exigência e a pressão social por ser sempre mais e melhor, em um desenvolvimento e crescimento contínuos e sem limites. Esse alcance, contudo, viria como uma espécie de merecimento, no sentido de que aquele que conquista, é aquele que consegue se sobressair em uma dinâmica fluída, competitiva, transitória, efêmera e descontínua (ANTUNES, 1995; 2006; 2008; 2009). Tem-se, então, a possibilidade dessa lógica capitalista empreendedora legitimar as pressuposições de que aqueles que vivem sob contextos precários de trabalho, assim o estão por questão de falta de esforço e de interesse, por exemplo.

Essas falas contribuem para a compreensão sobre o fator dual do trabalho, no sentido de que apresenta, concomitantemente, positivities e negatividades, indo ao encontro do que Antunes (2006), Bendassolli e Gondim (2014) e Costa e Bendassolli (2009) apresentam sobre as suas contradições.

## LOCAIS DE APRENDIZAGEM SOBRE TRABALHO

Ao serem indagadas sobre onde aprendem sobre o trabalho, seis das sete crianças responderam que a família e a escola exerciam influência significativa nessa aprendizagem, através de conversas sobre o percurso profissional dos seus parentes, sobre os projetos futuros dessas crianças e sobre as diferenças de características das profissões. Destaca-se que as conversas sobre projeções futuras representam formas de traçar estratégias para que essas crianças, desde já, consigam se aperfeiçoar para conseguir um bom emprego, como aponta Francisco: “Eles conversam sobre o que a gente quer ser quando crescer e o que precisamos desenvolver cada vez mais pra conseguir emprego” (FRANCISCO).

As crianças expressaram que as conversas voltadas para o fenômeno do trabalho aconteciam, na maior parte das vezes, nas aulas de português e de orientação cristã, no sentido de discutir sobre o que seria um bom trabalho, bem como o que

poderia ser feito para se alcançar um. As falas dão destaque ao fato de a aprendizagem sobre trabalho vir não somente pela transmissão de conteúdos, como português e matemática, mas sobre a explanação de experiências pessoais. Elas demonstram que ouvir estes relatos pessoais fazem com que elas prestem mais atenção e apropriem-se desses fatos para sua realidade. Ou seja, seria pelo discurso do outro que as crianças (re) significariam a sua própria experiência de inserção laboral. Vai-se, então, ao encontro do que Natividade (2007), Natividade e Coutinho (2012), Pasqualini, Garbulho e Schut (2004), Queirós, Freire-Ribeiro e Ribeiro (2009) e Santos (2005) denotaram sobre os modos possíveis do homem entrar em contato com o mundo do trabalho e (re)significá-lo, isto é, a partir das experiências sociais do cotidiano.

Sendo assim, os professores e os estudos, então, segundo os participantes, são apresentados como muito importantes para o alcance de seus projetos de vida, especialmente no que condiz à conquista de um bom trabalho ou de bom emprego. Sendo assim, o papel de educar, por parte da escola, é visto de forma bastante significativa pelas crianças, mesmo que também seja, segundo elas, função da família, como aponta Francisco:

Eu estudo pra eu poder ter um bom emprego no futuro, a ser independente e a saber mais sobre outras coisas pra trabalhar quando crescer. Os meus estudos vão me ajudar pra conseguir um bom emprego. (FRANCISCO)

Esse contexto de escola particular seria um espaço de formação e de preparo para a inserção universitária e, por conseguinte, para a conquista desse considerado bom trabalho e bom emprego. Formar-se e preparar-se, então, significaria ter a habilidade de trabalhar da melhor forma com os conteúdos aprendidos em sala de aula, como números e linguagens, mas também, como expressos por alguns participantes, desenvolver valores morais, considerados importantes para o viver em coletividade, como cidadania, respeito e senso de justiça.

Destarte, as falas retratam, novamente, a tendência social à correlação entre trabalho e emprego, mas também entre estudo e bom emprego. Estudar e conquistar o emprego almejado, portanto, seria uma forma de alcançar o reconhecimento, a valorização social e a independência financeira, contribuindo para a ideia positiva de si mesmo (COELHO, 2013).

A fala de Cecília se sobressai, visto que aponta o estudo não só como a garantia de conquistar um emprego que queira, mas como uma forma de não ser obrigada a atuar em algo que não deseja: “eu estudo pra garantir um trabalho que meio que eu queira ser e não que eu seja obrigada a ser uma coisa que eu não quero. Então eu estudo pra principalmente conseguir um trabalho futuramente” (CECÍLIA). Essa fala faz refletir sobre o imaginário social disseminado nas relações sociais, que revela uma tendência de pensamento que relaciona aquele que estuda com aquele que conquista

todas as suas aspirações, bem como relaciona a falta de estudo ao insucesso. Além disso, Cecília, por exemplo, aponta essa ideia de que a escola é um meio de aumentar as oportunidades no futuro. Sendo assim, pode-se depreender, nesse discurso, a ideia de que as profissões que não exigem investimento intelectual, como a entrada em uma universidade, seriam atividades obrigatórias e, até mesmo, desprazerosas.

Em consonância com Nasser (2011), o estudo seria, portanto, uma forma de preparo para a inserção no mercado de trabalho, ou seja, um mecanismo facilitador da ascensão social. Remetendo-se a Antunes (1995; 2006; 2008; 2009), Antunes e Alves (2004), Aquino (2007) e Siqueira, Alencar e Aquino (2012), o mercado de trabalho apresenta-se como flexível, dinâmico, fluído, fragmentado e altamente competitivo e o que conferiria mais chances de ser competitivo nesse cenário, seria deter mais conhecimento, informação, formação profissional e contatos sociais, por exemplo.

A partir dos elementos apresentados nas falas das crianças que cumpririam o papel socializador para o trabalho, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que a escola se mostra como fator contribuinte para o fortalecimento da lógica capitalista, no sentido de aproximar o fenômeno do trabalho à ideia de emprego e o estudo à ascensão social, também é espaço de construção de novos sentidos. Ou seja, a escola reproduz valores de um grupo social maior, no caso, a dinâmica capitalista contemporânea, exemplificados pelos discursos do “bom trabalho” e do “bom emprego”, no sentido de que, para alcançar esse ideal de atividade laboral, é preciso que, desde cedo, as crianças se preparem para serem sujeitos competitivos e flexíveis, com multi-habilidades. Essas características, portanto, permitiriam que elas tivessem maiores chances não só de ingressar em uma universidade reconhecida socialmente, mas de obter uma maior variedade de atividades laborais à sua escolha. Portanto, seria no incentivo à atenção, à concentração e ao alto rendimento escolar, que se estaria investindo e formando bons alunos e futuros bons trabalhadores.

Todavia, as crianças não desconsideraram algumas ações da escola como formas de contribuição para a sua socialização laboral, como o projeto o qual objetiva trabalhar valores sociais, como cidadania, senso de justiça e responsabilidade, e como as próprias relações escolares, especialmente no que diz respeito à relação docente-discente. Nesse sentido, a professora de português é destacada por todas as crianças, à medida que transcende a transmissão de conteúdos acadêmicos, mas reserva espaços de compartilhamentos de experiência sobre o trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta principal desse estudo foi analisar os sentidos atribuídos ao mundo do trabalho por crianças de uma escola da rede de ensino privado da cidade de Forta-

leza – CE, a fim de identificar os possíveis fatores de influências da instituição nesse processo. A análise das entrevistas realizadas reitera a concepção de que as crianças já seriam capazes de apresentar ideias e opiniões e traçar projetos de inserção laboral, a partir das relações que estabelece com seu meio. Ao ouvi-las, portanto, é possível também refletir sobre a dinâmica social contemporânea. Apesar das similaridades apresentadas nos discursos dos participantes, condizentes à narrativa sobre seus desenhos e às respostas das entrevistas, ressalva-se que todas as falas representam um modo particular da criança relacionar-se com seu meio.

As concepções sobre trabalho evidenciaram a importância deste para o homem, especialmente no que condiz com a sua possibilidade de melhorar de vida. Essa ideia foi relacionada pelas crianças, na maioria das vezes, com o trabalho como uma fonte de renda, mas também foi retratado como fator de reconhecimento social e de dignificação humana. Isso significa que as funções psicossociais do trabalho não se resumiram ao seu sentido instrumental, mas abordaram o sentimento de utilidade social.

As atividades destacadas, como formas ou não de trabalho, foram associadas ao conceito de profissão, bem como relacionadas à ideia de que, para ser trabalhador, era preciso que o homem exercesse uma atividade em prol da sociedade e recebesse algo em troca. Atividades voluntárias realizadas por aposentados, por sua vez, não foram consideradas formas de trabalho. Além disso, o trabalhador seria aquele que deveria se dedicar à sua atividade, bem como esforçar-se para exercê-la. Esse esforço, na maioria das vezes, apareceu associado ao investimento intelectual, isto é, à dedicação ao estudo para adquirir trabalho. Evidenciou-se, além disso, que o trabalho considerado válido socialmente para esse grupo de crianças seria aquele que se construiria através do estudo, o que significa que, por estarem na escola, as crianças já estariam se preparando para alcançá-lo. As suas falas, então, demonstram que suas trajetórias já começariam a ser construídas com destino às universidades.

Referente à categoria dos sentimentos associados ao trabalho, esta demonstrou que as crianças consideram importante escolher uma profissão que ajude as pessoas, mas também que proporcione bem-estar. Nesse sentido, foi possível depreender que os ditos esforço e cansaço, representados pelo trabalho braçal, assim como a baixa remuneração, estariam associados ao valor negativo do trabalho, como aquilo que gera desprazer, dor ou incômodo. Os aspectos positivos, por outro lado, apareceram vinculados, na maioria das vezes, às profissões que envolvem estudo e que oferecem *status* social e dinheiro, bem como implicam menos esforço físico. Logo, evidencia-se a reprodução da desvalorização do trabalho manual e a valorização do trabalho intelectual, refletindo, assim, a dinâmica social contemporânea. Também foi possível transparecer os paradigmas contemporâneos relacionados à precarização laboral, no sentido de que as crianças, em suas falas, apresentam a consciência de que algumas atividades são mais precarizadas que outras., bem como evidenciar também que, desde cedo, elas já começam a se ob-

servar, no sentido de pensar sobre o que gostam ou não de fazer na atualidade e sobre o que gostariam ou não de realizar em uma atividade laboral futura.

A terceira categoria demonstrou que a família e a escola exercem influência significativa na aprendizagem sobre trabalho. Pais, professores e estudo, de modo especial, foram apresentados como muito importantes para o alcance de seus projetos de vida, especialmente no que condiz com a essa conquista do bom trabalho ou do bom emprego.

Evidenciou-se também que, já nessa idade, esse tipo de conversa é comum entre adultos e crianças, sendo tratada de forma direta. Nesse ponto, percebem-se, nas falas das crianças, valores e desejos familiares projetados, bem como a existência de uma influência direta da tentativa de reprodução social e de busca de ascensão social por meio do estudo.

Além disso, o discurso de que o “trabalho bom” seria aquele que também deveria fazer os filhos/alunos felizes, apesar da remuneração, foi bastante denotado. Isso significa que o discurso da felicidade contemporânea está associado, muitas vezes, à ideia de que se tem que ganhar bem e ser feliz através do trabalho. Contudo, não se percebe uma reflexão crítica sobre a própria dinâmica atual, no sentido de que nem sempre será possível atrelar realização pessoal, boa remuneração e felicidade, assim como nem sempre será possível, pelo estudo, alcançar esse patamar de expectativa para todos.

A escola seria, então, um meio de aumentar as oportunidades no futuro. Ao estudar, ter-se-ia a possibilidade de realizar atividades de seu interesse e não de forma obrigada. O estudo seria, portanto, uma forma de preparo para a inserção em uma universidade e em um mercado de trabalho, ou seja, um mecanismo facilitador da ascensão social. E o que conferiria mais chances de ser competitivo nesse cenário, seria deter mais conhecimento, informação, formação profissional e contatos sociais, por exemplo.

Todavia, ressalta-se que esta também se apresenta como um espaço de construção de novos sentidos, visto que, apesar das aproximações nos discursos das crianças, cada uma expressa suas opiniões, suas expectativas, seus valores e seus sentimentos em relação ao contexto laboral de forma particular, devido às experiências sociais que são (re)significadas por cada uma. Isso significa que no dia a dia escolar, ao dialogarem e compartilharem experiências com os professores e com os outros colegas, por exemplo, as crianças constroem novos sentidos sobre o trabalho. Portanto, os discursos compartilhados na escola não só reverberam discursos e práticas produzidos fora desse âmbito, mas também produzem diversos outros sentidos, que são compartilhados para além do contexto escolar.

Além disso, é importante ressaltar que não foi observado, durante a pesquisa, uma discussão voltada para as outras alternativas possíveis de trabalho, como o técnico, bem como a questão do empreendedor que também não surge.

Acredita-se que, ao longo da investigação, foi possível contemplar os objetivos principais desse estudo, mas também depreender a necessidade de dar continuidade a essa investigação, partindo, por exemplo, de um outro grupo social de crianças, a fim de discutir o aspecto da divisão social do trabalho, que impõe um modo também distinto de significação desse fenômeno. No caso, foi entrevistada uma parcela de alunos de uma escola particular da cidade de Fortaleza – CE, o que significa que há a necessidade de partir de lugares de escuta diferentes, investigando as (des)aproximações dos resultados não só com outras escolas da rede de ensino privado, mas também da rede pública.

Considera-se também que a continuidade de estudos permite elucidar estratégias de intervenção que possam contribuir para esse processo de construção de sentidos sobre o fenômeno do trabalho por crianças não-trabalhadoras em idade escolar, bem como auxiliar as instituições sociais a traçarem planos de atuação que não sirvam só à dinâmica capitalista contemporânea, mas que promovam espaços de responsabilização, de cidadania e de participação social e política.

Por fim, não se pretende caracterizar os resultados aqui obtidos como verdades encerradas e universais, posto que, conforme posicionamento teórico desse estudo, o conhecimento é histórico, processual e mutável, permitindo, assim, novos horizontes de possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- ANTUNES, R. *Caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ANTUNES, R. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fundacentro, 2008.
- ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: PATTO, M. H. S. *A cidadania negada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 35-48.
- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai./ago., 2004.
- AQUINO, C. A. B. Transformações no modelo industrial: “novos” trabalhos e nova temporalidade. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 21-28, Edição Especial, 2007.

AQUINO, C. A. B.; SILVA, V. N.; OLIVEIRA, T. S.; MARTINS, D. P. Subjetividad y las transformaciones de la temporalidad laboral: contribuciones a la psicología. *Revista Poiésis*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 1-7, jun., p. 2013.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEE, H.; BOYD, D. *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 131-147, 2014.

BOCK, A. M. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.

CAPPELINI. O consumo de experiências traz mais felicidade que a compra de bens materiais. *Floripa Experience*, Floripa. Disponível em: <https://floripaxperience.wordpress.com/2015/01/21/o-consumo-de-experiencias-traz-mais-felicidade-que-a-compra-de-bens-materiais/>. Acesso em: 16 maio 2016.

COELHO, R. N. *El alargamiento de la juventud: un análisis psicosocial de las trayectorias de jóvenes de Brasil y España*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia Social, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2013.

COELHO, R. N. *Processo de inserção laboral: uma visão psicossocial a partir da vivência de jovens da periferia da cidade de Fortaleza*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CORDEIRO, A. C. F.; MENEZES, J. A.; CASTRO, L. R. Oficinas da Cidade em Fortaleza. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 53-61, 2002.

COSTA, F. B.; BENDASSOLLI, P. F. Significando práticas e praticando significações. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 8, n. 2, 195-198, 2009.

GONÇALVES, C. M.; COIMBRA, J. L. Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. *Psicologia.pt: o portal dos psicólogos*, 2002. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 89-102

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NASSER, S. D. Conflitos entre escola pública e escola privada e suas repercussões no cotidiano escolar do estudante da escola pública. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 11, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

NATIVIDADE, M. R. *O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

NATIVIDADE, M. R.; COUTINHO, M. C. O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 430-439, mai./ago., 2012.

- NATIVIDADE, M. R.; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, jun., 2008.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, s/p, 2º sem., 1996.
- PASQUALINI, J. C.; GARBULHO, N. F.; SCHUT, T. Orientação profissional com crianças: uma contribuição à educação infantil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 71-85, jun., 2004.
- PÉREZ, B. C.; PÓVOA, J.; MONTEIRO, R.; CASTRO, L. R. Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 181-191, 2008.
- PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000.
- QUEIRÓS, T.; FREIRE-RIBEIRO, I.; RIBEIRO, M. C. Eu quero ser... Representações sociais das crianças sobre o mundo do trabalho. In: Colóquio Afirse Secção Portuguesa, 17, 2009, Lisboa. *Anais...* Lisboa: 2009.
- SANTOS, A. V. Influências da família e da escola na formação de trabalhadores: papéis coincidentes? In: Reunião Anual da ANPed, 28, 2005, Caxambu. *Anais...*, Caxambu: 2005, p. 1-16.
- SILVA, R. N. B.; GARCIA, M. F. O conceito de trabalho ao longo da história humana. In: Encontro nacional de Estudos do Trabalho, 7, 2001, Salvador. *Anais...* Salvador: 2001.
- SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, Lavras, v.7, n.1, p. 70-81, 2011.
- TOLFO, S. R.; COUTINHO, M. C.; ALMEIDA, A. R.; BAASCH, D.; CUGNIER, J. S. Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. *Research Gate*. 2005. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/215548982\\_Revisitando\\_abordagens\\_sobre\\_sentidos\\_e\\_significados\\_do\\_trabalho](https://www.researchgate.net/publication/215548982_Revisitando_abordagens_sobre_sentidos_e_significados_do_trabalho)>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. *El instrumento y el signo en el desarrollo del niño*. Madri: Gráficas Rogar, 2007.
- VYGOTSKY, L. S. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas III*. Madri: Visor Distribuciones, 1995. p. 01-28.
- XAVIER, M. P.; AQUINO, C. A. B.; MIRANDA, L. L. A Caverna: um retrato literário da inserção do sujeito no emergente modelo de produção moderno. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 131-145, 2010.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004.

---

*Recebido em: 17/04/2017.*  
*Aprovado em: 01/03/2018.*